

MORTE OU LIBERTAÇÃO DEL-REI D. AFONSO VI

por Virgínia Rau

A figura de D. Afonso VI é a de um pobre doente cujo comportamento e prisão entenebreceram uma parte dos lustres militares e nacionais do século xvii⁽¹⁾. Por tudo quanto de suspeito e de sombrio se levanta ao evocar esse rei anormal, que baqueou do trono de um momento para o outro como figura da «*commedia dell'arte*», engolido por um alçapão, justifica que se publiquem certos documentos, porque eles vêm derramar um pouco de luz sobre o falecimento e enterro do régio prisioneiro do Paço de Sintra, aonde esteve cativo durante nove anos — que decorreram entre Setembro de 1674 e Setembro de 1683.

Na narrativa das *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, o regresso de D. Afonso VI da *Ilha Terceira* a Lisboa foi descrito do modo seguinte:

«Em 20 deste mes [Setembro] entrou pela barra de Lisboa Pedro Iaques de Magalhães com os vasos de sua esquadra, e com huma naveta da India, que comboiou da Ilha Terceira para Portugal, e hum Navio da Bahia que vinha para este Reino. O negocio a que sahio, foi a hir buscar a el Rei D. Affonso

(1) Ver a introdução de Eduardo Brazão à obra atribuída a António de Sousa de Macedo, *D. Afonso VI*, Porto, 1940, p. 12 e segs. e a bibliografia aí citada; *A anti-catastrophe*, Porto, 1845, p. 693; Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra*, Lisboa, 1903, pp. 132-134; António Álvaro Dória, *A Rainha D. Maria Francisca de Saboia*, Porto, s. d. (1944), p. 338 e a bibliografia citada de pp. 401 a 416.

para este Reino... Lançou ferro Pedro Jacques defronte de Paço de Arcos, esperando as ordens que havia de seguir; com ellas chegou àquelle sitio o Duque de Cadaval, Cabo das tropas de cavallo que residem na Corte acompanhado de algumas, e de alguns Senhores e officiaes da Milicia. Sahio el Rei da não em hum bergantim, acompanhado dos Cabos, e foi recebido em terra com a veneração que se lhe devia; todos lhe beijarão a mão, e se diz que ao Duque de Cadaval a não quis dar, virando-lhe a cara; que fogem os olhos donde os não leva a vontade. Mettido S. M. em hum coche, e na estribeira d'elle Manoel Nunes Leitão, acompanhando-o a Cavallaria, tomárão em direitura para a Villa de Cintra, aonde já estavam preparados aposentos para el Rei e seus criados; mettido no Paço e ordenadas as guardas que lhe havião de assistir, ficou por governador da casa e assistente a el Rei o sobredito Manuel Nunes Leitão com miudas ordens do que havia de seguir e observar. Conta-se que vendo-se S. M. em Cintra perguntara se dalli o havião de levar para outra parte. E dizendo-lhe que não, levantara as mãos para o Céu» (1).

De modo diferente, cautelosa e dúbia, nos aparece a versão que o Secretário de Estado, Francisco Correia de Lacerda, enviava para Paris ao enviado português junto de Luís XIV, Duarte Ribeiro de Macedo (2). Em 10 de Setembro de 1674, Correia de Lacerda informava: «O Palacio de Sintra se vai acomodando naquella parte em que necessitava de reparo para as officinas e para o commodo dos soldados que ali hão de assistir para que esteja tudo prevenido quando chegar a Armada da ilha 3.^a». Na carta datada de 24 de Setembro acrescentava: «Segunda feira passada chegou aqui a Armada com El Rei, e todos os navios de sua conserva juntos, deo fundo em Paso d'Arcos, e el Rei passou aquella noite na embarcação por chegar junto della; no dia seguinte que foi

(1) *Monstruosidade do tempo e da fortuna*, Lisboa, 1888, p. 283.

(2) Foi enviado de Portugal junto del-rei de França de 1668 a 1676. Parte da sua biografia foi traçada por Virgínia Rau, *Cartas de D. Francisco Manuel de Melo a Duarte Ribeiro de Macedo*, Lisboa, 1968, p. 26 e segs.

3.^a feira fui eu e o Duque a bordo da capitania para dar expedição a desembarcação de El Rei e da família, tendo-se ali prevenido para isso tudo o necessario; eu não falei a El Rei, o Duque saiu porque foi conveniente. Desembarcou El Rei, e os seus criados, e recolhido em huma liteira, e indo em outras alguns criados, e outros a cavallo partirão para Sintra acompanhando-o eu, e o Duque e D. João de Lencastre, e Pedro Jaques de Magalhães, aonde chegamos pellas onse da noite (1); e fiquei ali na 4.^a feira para compor algumas cousas necessarias para o gasalhado de El Rei, que fica apozentado nos altos daquelles Paços, e se trabalha nos quarteis de 100 cavallos que ali lhe hão de assistir, e 200 infantes que se mandarão levantar, de que já ali se acham cento, e me recolhi na quinta feira. Quando el Rei desembarcou lhe fizerão salva com toda a artilharia as Torres, e fortes, e tambem os navios da Armada. Pareceo-me dar a V. M. esta noticia por se ahi chegarem estas novas diferentes das que refiro saiba V. M. que esta é a verdade».

De facto, era preciso não alvoraçar as cortes estrangeiras com o insólito acontecimento e, sobretudo, garantir a veracidade official das notícias divulgadas.

A 8 de Outubro, já não havia razões para susto. Em officio dessa data Francisco Correia de Lacerda escrevia a Ribeiro de Macedo: «Nam ha nesta terra couza ecenssial, digna de avizo; no passado dei conta da chegada de el Rey, sua desembarcação, jornada, e assistencia de Sintra. O que posso dizer de mais he, que nelle se não fala, como se ali não estivera». No dia 3 de Novembro, o esquecimento adensara-se: «Nunca el Rei esteve mais esquecido, que agora que está em Sintra, e nunca foi mais lembrado, senão quando estava na Ilha; se della vinha embarcação devulgavão-se mil desparates, se não vinha embarcação davão-se extravagantes novas, e fazião-se quiméricos discursos, e isto mesmo succedia na Ilha a respeito das embarcações que ião, ou não ião de Portugal:

(1) Esta narrativa é muito mais completa, sob certos aspectos, do que a registada nas *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, *ibidem* p. 283.

isto cessou, e entendo que el Rei está bem na forma em que está em Sintra, donde todos os dias temos cartas» (1).

De novo em 3 de Dezembro, o Secretário de Estado escrevia: «El Rei a logra [saude] tambem e se não falla nelle, como que não houvera tal homem no mundo; e estas são todas as novas que posso dar a V. M., e eu folgo muito que lá não chegassem outras novas mais que na forma que eu as referi a V. M.: Na gasetta de Holanda se fala suçintamente nesse particular disendo sómente o dia em que desembarcara, e quem fora com elle até Sintra» (2).

E, de facto, muitos se esqueceram de D. Afonso VI que teimava em viver, ainda que bem guardado, lá no seu Paço de Sintra (3).

No ano de 1683 sucederam-se os achaques precursores de mais grave moléstia e a doença foi-se apoderando do rei (4). João de Barros de Sousa informava o Duque de Cadaval, por carta de 31 de Março, «que os medicos deixarão a S. Mg.^{de} com o regimento, pasou athe'gora sem queixa alguma; ontem pellas quattros oras da tarde lhe sobrevierão huns agastamentos, de que fica melhorado he so se queixa de dores no cuadril dereito he nas costas; pareceu-me fazer avizo a V. Ex.^a pello que pode emportar, he do que o médico escreve a Roque Monteiro se colherá melhor o achaque». Mas, na mesma carta, rabisca depois dela terminada: «S. Mg.^{de} não passou bem a noite he esta madrugada teve hum vomito» (5).

(1) Esta documentação faz parte da biografia de Duarte Ribeiro de Macedo que temos em preparação e será em breve publicada.

(2) Demonstra bem a chamada «política de silêncio» feita em redor de D. Afonso VI, para impedir curiosidades e romantismos.

(3) As preferências pela caça que desde sempre havia cativado D. Afonso VI, fizeram, talvez, que nunca tivesse estanceado em Sintra anteriormente. Cf. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, p. 234.

(4) Em carta datada de 9 de Fevereiro de 1683, já João de Barros de Sousa participava ao Duque de Cadaval: «Senhor ha cura de S. Mg.^{de} se vai continuando; oje foi semgrado so de menham, de tarde se lhe não applicou ho remedio, que como os que lhe fazem he so pera purgar, não obriga a nisisidade mais que o atalharce o que pode suseder». (Cod. Cadaval 1064 (K VII 18), fl. 10.

(5) Arquivo da Casa de Cadaval, Cód. 1064 (K VII 18), fl. 26.

Porém, a «libertação» do prisioneiro de Sintra só se veio a verificar no dia 12 de Setembro desse ano. Nesta data, Francisco de Andrade e João de Barros de Sousa escreviam ao Duque de Cadaval, respectivamente, as seguintes cartas:

S. Mag.^{de} lhe deo esta menham estando bom hum accidente apopletico e a meu entender fica morto. Deos guarde a V. Ex.^a. Syntra de Setembro 12 de 1683

Criado de V. Ex.^a

Francisco de Andrade

E:

A esta ora que são as ozem (sic) para o meo dia deu hum asidente a sua magestade que fica sem fala, he poucas esperansas de que torne a si; não tenho mais tempo Sintra 12 de Setembro de 1683

João de Barros de Souza

No mesmo dia ainda:

Senhor. Tres avisos tenho feito a V. Ex.^a, he com este quatro, do estado em que sua Mg.^{de} estava he o ultimo foi por hum moso da Camara que como testemunha de vista tistimunhasse melhor de que o dito Senhor ficava ja sem remedio e por hum escrito que resibi do tenente general Diogo Lois Ribeiro vejo se lhe não deu ainda V. Ex.^a o ultimo aviso; que ha de não ser ja nesario nada para a vida se se não o aviso e ordem do que se a de fazer nesta disgrasa, em que eu

*tenho ivitado o mais que pude o não se saber até gora
de ser-lo nesta vila.*

Cintra 12 de Setembro de 1683

João de Barros de Souza⁽¹⁾

A seguir, houve uma troca de correspondência relativa não só ao passamento mas ainda ao enterro do soberano.

Roque Monteiro Paim, ao escrever ao Bispo Secretário de Estado, no dia seguinte, dava a seguinte versão da morte de D. Afonso VI: «Pello que tenho ouvido assi ao Padre Confessor, como a todos os Criados que assistirão a El Rey na hora da sua morte, foi ella tão predestinada, ao que parece, que a todos pode servir de grande consolação a merce que Deos lhe fes. Principiou o accidente ao tempo que estava na Missa, antes da Consagração, logo se começou afligir com grande ansia, e sem differença começou a implorar o Santissimo nome de Jezus, e da Virgem Maria, pedindo-lhe chamassem confessor, que morria, e querendo os Criados, que ali se acharão leva-lo logo para a cama, disse que queria primeiro adorar Nosso Senhor como fes pedindo com a mesma ancia, e mostra de verdadeira contrição perdão de seus pecados. Chegou o Confessor, e lhe apertou a mão, dizendo se queria confessar, e que não podia; não dezistio nunca de implorar o auxilio de Jezu, e Maria, e tornando segunda ves apertar a mão do Confessor, que lhe pediu recebeu dele segunda absolvição, e com ella espirou⁽²⁾, ficando sem descomposição do rosto, e em todas as mais acções do corpo, sem ser necessario, que se lhe fizesse nenhuma deligencia para os olhos, e boca, couza que sucede muito poucas vezes»⁽³⁾.

(1) Estas três cartas autògrafas encontram-se guardadas no Cod. Cadaval 1064 (K VII 18), fls. 4, 20 e 11.

(2) Cf. com o relato da morte do rei apresentado pelo Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, p. 132.

(3) Cf. o apêndice documental publicado no final deste artigo.

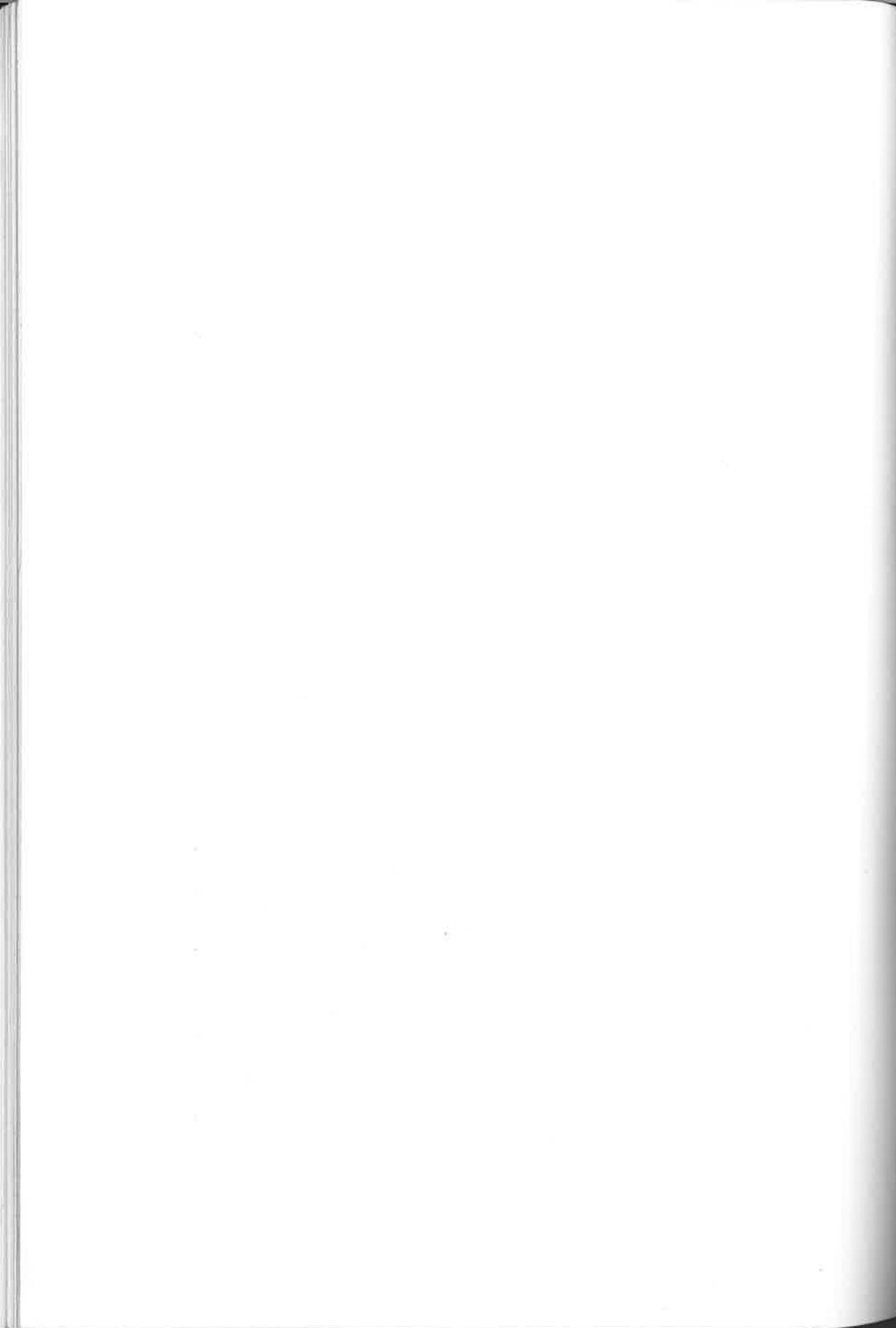
Mas o pobre D. Afonso VI defunto ainda fazia surgir e avolumarem-se certos receios. Com cautela se preparou o povo para receber a notícia e o corpo do rei para o enterro, depondo-o primeiro na Sala das Pegas e em seguida, para o officio público, numa eça na Sala dos Cisnes (1).

E com grande solenidade, rodeado dos maiores fidalgos do reino (2), lá foi el-rei D. Afonso VI a sepultar no mosteiro de Belém (3).

(1) A carta do Duque de Cadaval, datada de 16 de Setembro de 1683, ao Secretário de Estado, publicada em Apêndice, desfaz qualquer dúvida sobre a exposição do corpo do rei ter sido feita, em duas fases sucessivas, a primeira na Sala das Pegas e a segunda na Sala dos Cisnes do Paço de Cintra. Cf. Conde de Sabugosa, *ob. cit.*, p. 133 e nota 2.

(2) Pegaram no caixão o Duque de Cadaval, o Marquês de Arronches, o Conde da Ericeira D. Fernando, o Conde de Val de Reis, o Marquês de Cascais, o Marquês de Marialva, o Marquês das Minas, o Conde de Pontevel, o Conde da Ericeira D. Luis de Meneses, e outros.

(3) À chegada do corpo à porta do Mosteiro, o caixão foi colocado sobre dois bancos forrados de veludo — «mais fortes do que forão os que se puzerão a El Rey, que Deos tem, que me lembra quebrarem-se, e ferirem a Ruy de Moura em huma perna» —; o pano que cobria o caixão foi tirado pelo Conde de S. Lourenço e pelo Visconde D. Diogo de Lima. Cf. Conde de Sabugoso, *ob. cit.*, p. 133.



DOCUMENTOS

Falecimento de El Rey Dom Affonso 6º.

Carta do Pe. Antonio da Fonçeca para o Pe. Confessor de S. A.

Pax xº.

Pe. Conf. de S. A. He falecido S. Mg^e. pela huma hora seja Deos bem ditto muito apressadamente com hum accidente apopletico, chegey a tempo, que apertou a mão, e ainda me fallou muitas palavras, e lhe dei a absolvição; e ajudei naquella hora a morrer, que foi muito brevemente Deos seja muito bem dito. Nos Santos sacrificios de V. R^a. muito me encomendo. Cintra 12. de Setembro de 683. Servo em Xº.

Antonio da Fonçeca

Carta do Duque para o Principe Regente

Senhor. Porque sey o grande cuidado com que a muita piedade de V. A. está me pareceu dizer a V. A. que El Rey meu senhor, que Deos tem, morreu com todos os actos de arrependimento, que no breve tempo podia haver, mais nascidos (como parece) da immensa misericordia, que do modo de vida de Sua Magestade, a quem Deos permita haver dado o Ceo e a V. A. tanta vida, como havemos mister. Cintra em 13 de Setembro de 1683.

Duque

Carta de João de Barros de Souza para Roque Monteiro Paim.

O primeiro avizo que fis a V. M.^e foi de Sua Magestade ficar com hum accidente logo fes mais dois socessivamente ao Duque por me ficar mais perto em Palhavam, em que já os remedios para a vida de El Rey erão escuzados, e só se deve tratar do que hê necessario para o enterro, e do mais que se ha de fazer antes delle. Cintra 12 de Setembro de 1683.

João de Barros de Souza

Sr. Roque Monteiro Paim.

Carta do Duque de sua propria letra para o Principe Regente

Senhor.

Parece me com aprovação do Padre Confessor de El Rey, que Deos tem, com quem faley que V. A. sendo servido mande tomar algumas Bullas de composição pella Alma de Sua Magestade. Deos guarde a Real pessoa de V. A. Cintra terça feira

Duque

Carta de Roque Monteiro Paim para o Bispo Secretario de Estado

Depois de escrever a V. S.^a a primeira e segunda carta, que a esta hora poderão estar entregues a V. S.^a chegarão os medicos João Bernardes e Diogo Manoel e tornando a fazer conferencia com todos sobre o tempo que podia esperar, e dilatar se abrirem e resecaem o corpo del Rey que Deos tenha no Ceo resolverão todos uniformemente que esta dilação não poderia passar das des até as onze horas pello grande perigo, que conciderão na sua corrupção. Pareceu me fazer este terceiro avizo a V. S.^a porque como no segundo dizia,

que esperava pello Duque se elle não chegar the a dita hora devo consentir que os Cirurgioens principiem a fazer seu officio. Deos guarde a V. S^a. Dos Paços de Cintra em 13 de Setembro de 683.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Outra carta sobre o mesmo

Faleceu El Rey hontem da huma para as duas horas da tarde, e dizem os medicos que o corpo principia a ter corrupção, e que receão se aumente em breves horas. Dou carta a V. S. com toda a brevidade deste receyo dos medicos... Cintra em 13 de Setembro de 1683.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Carta sobre o mesmo

A esta hora que se contão sette da noite não tem chegado outros officiaes nem outra alguma couza mais que carpenteiros e tabuado, e com a sua vinda constou aos Conselheiros de Estado que se tinha determinado na caza das obras se fizessem dous caixões: hum mayor que logo se principiou a trabalhar: outro que se havia meter neste, e pellas medidas que de ca fossem se havia de fazer em Lixboa. Pareceu aos ditos Conselheiros que nesta fabrica havia equivocação e haveria despeza muito desnecessaria: Equivocação porque o Exemplo do Principe o S.^r D. Theodozio não era equivalente por não haver sido embalsemado. Despeza desnecessaria porque hum caixão he o que basta. Principalmente sendo o corpo d'El Rey que Deos haja tão pezado, e havendo de o ficar muito mais com os materiaes que se lhe agregão para o embalsemarem; E que o necessario era virem as tellas proprias e mais adornos de que se ha de compor o caixão que ja se fica obrando e tudo com a mayor brevidade. Advertem mais que para estes caixões

se costumão fazer humas argolas nas quaes se não pode meter a mão nem fazer preza, como se experimentou ultimamente na trasladação da Raynha Santa, e que se devem fazer em modo conveniente. Dou parte a V. S.^a para que com sua reposta se poder continuar com mais acerto a minha deligencia. Deos guarde a V. S. Paço de Cintra em 13 de Setembro de 683.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado.

Carta sobre o mesmo

Deu meyo dia, e a corrupção se foi aumentando com as horas. Parecia aos Medicos e Cirurgiões, que não se podia dilatar maes hum instante o prepararem o corpo del Rey, que Deos haja, para o embalcemarem; com o que fiz mudar para a caza das armas, na qual tem principiado os Cirurgiões a sua obra com assistencia dos medicos. Dou parte a V. S.^a para que V. S.^a fique entendendo tudo o que se obra e vai obrando nesta materia. Deos guarde a V. S.^a. Paço de Cintra em 13 de Setembro de 683.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Carta do Duque para o Secretario de Estado

Senhor meu. Chegamos a Cintra aonde Roque Monteyro havia adiantado o seu zelo, e cuidado, e estava disposto tudo quanto temiamos não coubesse no tempo. Achamos o corpo de Sua Magestade, que Deos tem, sem a corrupção que temiamos. Com que agora com menos fadiga iremos fazendo o que sua Alteza nos mandar, para o que he preciso nos venha de lá tudo o que pedimos, na forma da memoria que V. S.^a la tem, e fazemos todo o possivel por aggradar a S. A., e por lhe merecer a honra da confiança que fes de nos; isto

he o que por agora se me offerece dizer. Deos guarde a V. S.^a muitos annos. Cintra em 13 de Setembro de 1683.

Duque

S.^{or} Bispo Secretario de Estado.

*Carta de Roque Monteiro Paim
para o Bispo sobre o mesmo*

As des horas da noite chegou o corrieiro João de Azevedo com os paramentos necessarios para a eça, encontrou outro mais, nem outra alguma couza. Sei que V. S.^a há de ter igual pezar, do que hé o nosso cuidado, e sentimento com a dilação, que acuzão estes vagares; porem não posso deixar de fazer presente a V. S.^a com repetidas instancias, que sem afflições, e sem as couzas que se esperão tudo o que se principiou com deligencia, fora sendo nada. Trouxe mais este homem velas para o caixão, e acha serem menos do que há mister, e que lhe faltão nove covados da telilha da amostra incluza, que disse tomou na logea de Manoel Pereira Ribeiro e suposto que o ditto official veyo por ordem de Lourenço Pires, tambem dis, que elle he partido, e assim necessariamente recorro a V. S.^a para mandar que esta tela venha logo, e se for possivel por este mesmo soldado que leva esta carta.

Dizem o Duque, e o Marquez de Arronches, que lembre a V. S.^a como faço, que sem estarem vestidos de luto todos os criados deste Paço se não pode publicar, ou manifestar o corpo del Rey, e eu advirto mais a V. S.^a que alem das baetas serão necessarios quatro ou sinco officiaes dessa Corte que venhão fazer os vestidos, porque aqui os não há mais, nem bons para este menisterio.

Com esta carta torno a pedir a V. S.^a repostada de quatro que lhe hey escrito. Deos guarde a V. S.^a. Paço de Cintra em 13 de Setembro de 683.

S.^{or} Bispo Secretario

Roque Monteiro Paim

Carta do dito para o mesmo

He necessario repetir a V. S.^a os avizos conforme, o que de novo ocorre, para V. S.^a poder fazer presente a S. A. tudo o que se determina.

Conçiderarão os Conselheiros de Estado, em que Igreja, se poderião sepultar mais convenientemente as partes delaceradas do corpo de El Rey, que Deos haja, e reprezentando se lhe total impossibilidade para se conservarem sem hum caixão de chumbo, que não hâ, vendo que neste Paço ha huma capella real sagrada, resolverão que esta noute fossem sepultados na ditta capella as dittas partes do corpo del Rey, e que para este effeito mandasse eu abrir huma porta interior que deste Paço vay para a ditta Cappella; que esta função se fizesse occultamente com todo o segredo. Deste modo fico encarregado para o executar. Deos guarde a V. S.^a. Do Paço de Cintra em 13 de Setembro de 683.

Tendo feito esta carta me dis B.^{ar} Reb.^o que mandando buscar o dinheiro da mezada a Christovão da Cunha como costumava, lho não quizera mandar. Não somente este dinheiro mas muito maes he necessario pelo que ao menos deve V. S.^a mandar que Christovão da Cunha dê logo logo o dinheiro da mezada. Paço de Cintra no mesmo dia.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado.

Carta para o dito do mesmo

Tenho feito a V. S.^a todos os avizos que me parecerão necessarios, e o ultimo foi de que se principiava a preparar o corpo del Rey, que Deos tenha no Ceo, para se poder embalcomar. Chegarão o Duque, e o Marquez de Arronches as quatro horas da tarde, e aprovarão tudo que se há obrado, que hé tudo necessario àquelle fim. Chegando os materiaes, que se esperão se conseguirá com a brevidade possível, que o corpo del Rey se ponha em publico, para os funeraes que lhe são devidos.

Pello que tenho ouvido assi ao Padre Confessor, como a todos os Criados que assistirão a El Rey na hora da sua morte, foi ella tão predestinada, ao que parece, que a todos pode servir de grande consolação a merce que Deos lhe fes. Principiou o accidente ao tempo que estava na Missa, antes da Consagração, logo se começou afligir com grande ansia, e sem differença começou a implorar o Santissimo nome de Jezuz, e da Virgem Maria, pedindo lhe chamassem confessor, que morria, e querendo os Criados, que ali se acharão leva-lo logo para a cama, disse que queria primeiro adorar Nosso Senhor como fes pedindo com a mesma ancia, e mostra de verdadeira contrição perdão de seos pecados. Chegou o Confessor, e lhe apertou a mão, dizendo se queria confessar, e que não podia; não dezistio nunca de implorar o auxilio de Jezu, e Maria, e tornando segunda ves apertar a mão do Confessor, que lhe pedio recebeo delle segunda absolvição, e com ella espirou, ficando sem descomposição do rosto, e em todas as mais acções do corpo, sem ser necessario, que se lhe fizesse nenhuma deligencia para os olhos, e boca, couza que succede muito poucas vezes.

S. M. que Deos guarde, há de ter grandissimo alivio na sua pena com esta noticia, e por esta cauza a repito a V. S.^a com mais largueza do que o Padre Confessor me dis o fizera em huma carta, que escreveo ao Padre Manoel Fernandes confessor de Sua Alteza.

Não lembro a V. S.^a a expedição dos officiaes, e dos mais particulares, que V. S.^a sabe são precizos, porque tambem sei, que V. S.^a se não hã de descuidar em aplicar tudo com a mayor deligencia. Deos guarde a V. S.^a. Do Paço de Cintra em 13 de Setembro de 683.

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Roque Monteiro Paim

Carta do ditto para o mesmo

Já posso dizer a V. S.^a que está preparado tudo, que he necessario para o funeral, e enterro de Sua Magestade, que

Deos tenha no Ceo, porque sem duvida amanhã por todo o dia ficarão feitos todos os lutos das pessoas que hão de servir nesta função, e athe a caza da eça com os altares preparados para de manhã se comessarem dizer as missas nelles.

Na dilação que podera ter a dita caza se preparou outra mais interior com hum leito rico que havia neste Paço, e feito hum altar se expos das des para as onze horas no leito, o corpo del Rey, e no altar se disserão algumas missas, aquellas que permitirão as horas. Logo comessarão a dobrar os sinos de todas as igrejas e dos conventos deste dstricto fazendo o primeiro sinal da Camera. De tarde se fes hum officio, com os Religiozos que se puderão juntar satisfazendo se sufragios, e sem demonstração publica, e forma ordenada na caza da eça.

Depois que cheguei se tem dito pella alma del Rey todas as missas dos Conventos e igrejas athe hoje sem outro nome que a tenção do sufragio; amanhaa se fixão na forma que se costuma em semelhantes ocações.

Pertende Lourenço Pires como vedor das obras, ser o que tenha as chaves do caixão, e que a obra tanto neste Paço para nelle se meter o corpo del Rey, como em Belem quando se ouver de dar fee de que esta nelle, e dis mais que lhe pertence levar a S. A. huma das chaves. Eu o duvidey, pello que se obrou na trasladação da Raynha Santa, na qual abri o caixão primeira, e segunda ves, e fiquei com a chave de Sua Alteza pera lha haver de entregar. Dizem o Duque, e o Marques de Arronches que a ditta chave he do officio do Mordomo mor, ou quem seu cargo fizer, que do Secretario he o dar fee em huma, e outra abertura e que Lourenço Pires não tem parte nesta função. Elle alega dous exemplos, hum que ultimamente succedeu na trasladação do Cardeal Dom Henrique, outro na del Rey D. Sebastião. Rezolvem os dittos Conselheiros de Estado, que o exemplo formal deve ser o del Rey Dom João, que Deos haja em gloria, do qual elles disserão a V. S.^a me mandasse huma copia, para rezolução de quaesquer cazos que podiaõ succeder, e que agora he precizo que V. S.^a a mande logo. Esta duvida nem passou de pratica nem chegou a se por em questão; mas he necessario, que se determine antes de chegar aos termos de jurisdicção que são as peores, e as que

mais perturbão quaesquer actos, quanto mais este, em que todas as acçoens devem ser iguaes.

Por hora basta a seda que tem vindo porque não há tempo para se obrar esta, quando falte se poderá satisfazer nessa Corte. Se vierem as olandilhas, e botoens ate pella menhaa ficarão os vestidos em melhor forma; quando não venhão ficarão com a que basta, para que sejão, e pareção lutos, e depois cada hum os compra a sua vontade.

O Duque trouxe tanto dinheiro, que o meu por pouco não foi necessario, e a Baltazar Rebelo disse como Christovão da Cunha tinha ordem para dar não somente o dinheiro da mezada, mas todo o que ouvesse mister.

O cuidado de V. S^a. fas avultar toda a deligencia, e confeito que não tenho nada, que pedir nem que lembrar a V. S^a. Deos guarde a V. S^a. muitos annos. Paço de Cintra em 14 de Setembro de 683.

Estão preparados os agazalhos convenientes para as pessoas que S. A. mandar assim seculares, como quaesquer outras, e creo não faltarão todos os mantimentos que pode dar de os deste contorno pera se venderem, e estarem na Praça sem arelia.

S^{or} Bispo Secretario de Estado

Roque Monteiro Pain

Carta do dito para o mesmo

Com a vinda de João de Lor.^o ao qual se seguiu logo Lourenço Pires Carvalho, se forão continuando todas as obras que são necessarias para a função dos funeraes de S. Mag.^{de}, que Deos tenha em gloria. Tudo ficará preparado por todo o dia de hoje: porem não poderão estar feitos os lutos, nem inda para amanhaa, porque mandando eu conduzir a este Paço todos quantos officiaes tem não sómente este termo mas o de Cascaes, e Colares, e sendo elles os que bastão em numero, nenhum delles sabe fazer couza alguma, e a todos faltão athé agulhas para coserem, pello que em ordem a execução de deligencia tão necessaria como são os lutos, será precizo que

V. S^a. mande logo vir para este Paço trinta, ou quarenta peças de oaldnilhas, dous arrateis de retros, e quantidade de linhas pretas, e quinze ou vinte grosas de marcas, e enquanto tudo isto não chega, vão os officiaes trabalhando, e cozendo como hé mais possivel, e todos estão juntos em huma caza com sentinella a vista para que se não devirtão em outras obras das que são encarregadas.

Repartí primeiro as baetas pellos Criados, mais necessarios para a dita função, e pelos officiaes de guerra que nella tem tomado parte, faltão para se dar luto a todos os criados, cento e vinte covados de baeta. Estes se não vierem hoje, não farão falta, porem os covados, que pesso a V. S^a. a farão muito grande qualquer hora que se dilatam.

Dou esta conta miudamente a V. S^a. porque em cazos, e em acçoens, que dependam de circumstancias qualquer se deve reputar como principal, e por isso importa estar preparando o corpo de Sua Magestade, e decentemente composto, como esta e estar preparada a caza, e decentemente ornada como fica se os criados e se os soldados não estão preparados para poderem assistir ao que V. S^a. incumbe por seos officios, e occupações.

V. S^a. remediando, e acudindo ao que falta podera dispor na forma, que o Duque aponta o dia para o enterro dando no meyo tempo, o que for conveniente, para se acabarem os vestidos necessarios, e se prepararem, como se necessita os criados, e soldados, que hão de assistir a ditta função. Deos guarde a V. S^a. Do Paço de Cintra em 14 de Setembro de 683.

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Roque Monteiro Paim

Carta sobre o mesmo ao dito

Recebi esta manhã huma carta de V. S^a. com a lista dos aviamentos necessarios para os lutos, os quaes chegarão antes do meyo dia com o pano, cochim, e o mais, que se necessitava para a eça, nada mais se há mister, e tudo fica hoje preparado para toda a hora que S. A., que Deos guarde, for servido determinar o enterro de El Rey, que Deos tenha

em gloria, porquanto nos lutos trabalham vinte e tres officiaes, que os acabarão de fazer todos nesta noute; e as cazas ja hoje estiverão ornadas como avizei a V. S^a. que o prometia o trabalho, e cuidado de João de Leiros, e seos officiaes.

Nos altares de huma e outra caza se dizem pella manhã todas as missas, que se podem celebrar, e na interior onde está o corpo se rezão quatro officios em cada hum dia, repar-tindo se de maneyra, que não há hora, em que não se esteja louvando a Deos.

Todas as cartas de V. S^a. leo ao Duque e Marques de Arronches, como sou obrigado; e considerando se sobre o que me escreveo em treze do corrente, que os nossos da Camara deste Paço acompanharião o corpo de El Rey athe se por na liteira; e que dahi se hirião para Lisboa, ficando por este modo entendido e esclarecido para com todos os criados, pareceo aos dittos Ministros se devia fazer presente a S. A. que nos mais dos ditos criados são cazados, e tem nesta terra suas cazas, e familias, e outros os postos de melicia, que occupão, e a obrigação de soldados, que exercitão, e que cada hum conforme os seos foros, tem servido a S. A., com muito cuidado, presthimo, e fidelidade, que se fazem merecedores da real attenção de S. A. para lhes fazer merce, e que sobretudo são pobres, e muitos estão empenhados, e por esta cauza com impossibilidade para se mudarem: e que antes do Natal não poderão achar cazas em Lisboa.

Nesta concideração pareceo igualmente aos dittos Ministros, que será conveniente que S. A. mande continuar as mezadas de todos os dittos Criados athe o ditto tempo do Natal, ficando lhes por ajuda de custo para a mudança, e por alimento necessario emquanto aqui assistem; e que passado o ditto tempo os mande S. A. continuar no serviço dos foros que lhe competem, como fes a Magestade do Senhor Rey D. João, que Deos tem em gloria, com os criados que estavam servindo ao Principe o senhor D. Theodozio, que Deus haja, ao tempo de seu falecimento, mandando se agregassem ao serviço da Caza Real, e que continuassem nella. Se eu tivera voto nesta materia, fora do parecer destes Ministros.

Lourenço Pires Carvalho, se foi esta manha das nove para as des horas; e da huma para as duas da tarde, se passou

do leito para o caixão o corpo de El Rey, porque assim o pedia alguma corrupção que hia tomando, e se tornou depois do mesmo leito onde estava para delle ser levado ao da eça quando chegarem as pessoas que S. A. tem nomeado para este effeito.

E o posto que com a auzencia do ditto Lourenço Pires, e pello bom modo com que se moveo a duvida das chaves, de que dei conta a V. S^a., não ouve nem podia haver razão, que se não vençese com outra melhor e com a rezolução que parecesse aos dittos Ministros; com tudo como esta acção continua, e athe o fim della se pode tornar a mover esta mesma duvida, e podem succeder outras, em que hajão mais repugnancia na execução do que se rezolver, he precizo, que V. S^a. me mande copia do que se obrou no enterro do senhor Rey Dom João, como ja avizei V. S^a.

Não se offereçe outra couza de que sar conta a V. S^a. Deos guarde a V. S^a. muitos annos Paço de Cintra em 15 de Setembro de 683.

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Carta do Duque de sua propria letra sobre o mesmo

Senhor meu. Aqui esta vindo bem disposto, e hoje pos noite fica acabado e pode S. A. dar a ora, e o dia em que Sua Magestade se ha de sepultar. O senhor Marquez de Arronches tem muita experiencia destas formalidades, e Roque Monteiro muito cuidado, e expedir do com que não tem duvida, que esta isto, feito com toda a formalidade regia, e não cuida que de Lisboa, nem de outra parte terão, que notar mande me V. S^a. dizer seis companhias mais hão de levar os cavallos luto, e a forma do luto que havemos de mandar fazer para nossas pessoas, não he armas(?) de levar baloens, o dia do enterro me parece o mais proprio para o funeral militar e o mando dispor na forma que Sua Alteza me ordena, comessando pella Torre de Belem tanto que o corpo chegar a São Jorge, e continuando se athe a madrugada. Deos guarde a V. S^a. Cintra 3.^a fr.^a.

Duque

*Acrescentamento da mesma letra
à dita carta*

Baltezar Rabello não tinha dinheiro, e lhe mandey logo dar hum conto de reis, que trazia, com que bastara e for necessario mais tambem o hey. Como Sua Alteza me dice, e emfim em nada do seu serviço haverá falta.

*Carta do ditto de sua propria letra
sobre o mesmo*

Senhor meu, vay se Lourenço Pires por ser aqui acabado, o que lhe tocava. O corpo do Rey, que Deos tem, bem está na forma que elle dirá; se Sua Magestade morrera no governo, não se podia fazer o funeral com mais grandeza, e piedade, dé Deos muita vida a Sua Alteza, que tudo são acertos das suas virtudes, pareceu-me, e aos maes que esperacemos o Conselho de Estado para meter o corpo no caixão, aqui de hontem para cá se lhe fez hum Lausperene de suffragios, com que detreminamos continuar athe que se sepulte, porque nisso entendemos agradarmos a piedade de Sua Alteza; em breve Lourenço Pires dirá tudo a V. S.^a me fará merce de bejar os pés a Sua Alteza por mim, e de sermos na sua graça. Deos guarde a V. S.^a Cintra 15 de Setembro de 683.

Duque

*Carta de Roque Monteiro Paim para
o Bispo Secretario de Estado sobre o mesmo*

Senhor meu. A minha diligencia não aproventaria nada se o cuidado de V. S.^a e a prevenção delle me não instroira, e ajudara para o que tenho obrado. Tudo tem V. S.^a disposto com abundancia do que materialmente se necessitava, e com a ordem que se esperava da forma que se ha de seguir no funeral, e enterro del Rey, que Deos tenha em gloria; huma

e outra couzas tanto a tempo, e tão prompta e miudamente que ja hontem avizei a V. S.^a como agora torno a repetir, que não se me offerece que pedir, lembrar ou dizer a V. S.^a de novo. Li a carta de V. S.^a ao S.^r Duque, e Marques de Arronches; o Duque responde a carta de V. S.^a e eu fico de acordo em seguir o que se ordena na dita instrução.

Diz João de Lr.^{os} que há mister mais sincoenta tochas alem das que trouxe, e se o soldado, que levou a carta que escrevi hontem a V. S.^a se achar nessa corte por elle, ou por outro me fará V. S.^a merce avizar se deve ser aqui prevenida alguma carruagem para as passoas que hão de ir no enterro a cavallo, e em duvida mandarey reter as que vierem vindo, e cominar as que ouver capazes. João Francês se vay, para trazer as tochas, e a minha vontade he de obedecer, e servir sempre a V. S.^a Deos guarde a V. S.^a muitos annos. Do Paço de Cintra em 16 de Setembro de 682.

Amigo e mayor servidor de V. S.^a

Roque Monteiro Paim

S.^{or} Bispo Secretario de Estado

Carta do Duque sobre o mesmo

Senhor meu. A grandeza de Sua Alteza athé deste pequeno serviço se obriga, e mais que tudo persuadir se à piedade do Senhor Marques de Arronches e deste criado de V. S.^a. Aqui se continua o Lausperene de pella manhaa athe a noite; e da noite athe pella menháa. A primeira caza, que aqui há em que se entra hé a dos Cysnes, está preparada com eça para o officio publico, segue-se logo a das Pegas, aonde pozemos o corpo del Rey, emquanto se preparou a de fora. Armamo la de brocados com hum altar, e em um leito rico puzemos o corpo de El Rey amortalhado sobre hum pano de brocado. Ali se lhe continuão os officios, e as missas se

dizem na caza de fora indo os sacerdotes a dizer lhe o responso. Não nos pareceu fazer eça nesta caza porque a suppuzemos caza pera responso a mesma camera em que El Rey morreu seria conveniente ja que Sua Alteza manda tanto fausto a Cintra que viesse hum tenente da guarda com vinte soldados para estar a porta da Caza dos Cysnes da parte de fora, mas supposto que isto he huma Praça remediaremos esta falta se pareser a Sua Alteza com o sargento mor da mesma praça acompanhado dos sargentos della que ja para este effeito estão vestidos de luto. Pedro Vieira escrevia muitas couzas em papel que alterando se depois as não encomendava no escrito. V. S.^a bem sabe que hum officio de nove licoens dito de Pontifical, que manda a Igreja fazer sentado, e que não será justo que o mande El Rey fazer em pé aquellas pessoas, que por obrigação hão de assistir a elle, e conciderando se esta impossibilidade quando Sua Alteza mandou a Coimbra sendo Raynha, e sendo Santa, a Raynha Santa Izabel, ordenou Sua Alteza se se cansassem os grandes, que por decoro, e ornato daquella função mandava ali assistir. Se agora estivessem em pé he certo que se achava a caza dezerta e so com os clerigos, e frades, a quem o cerimonial romano manda sentar, e deixando todas estas circunstancias, recomendo a rezão, quem na Capella assenta diante de El Rey vivo, como se não há de sentar deante de El Rey morto. Admito a V. S.^a que se aqui não estiverem todos sesta feita a noite que mal se poderá isto fazer sabado a hora que S. A. nos manda.

O corpo de El Rey se pos no caixão porque as partes do rosto se começavão a alterar e a porem se disformes; ja com a concideração da entrega, que se havia de fazer ao Marquez de Gouvea antes de nos chegar essa ordem de Sua Alteza dispuzemos, que no caixão se não lançase cal e que o rosto se compremisse em forma conveniente, para se poder mostrar quando se chegasse a esta função. Aqui não falta nada, e ja agora comemos o pão de Sua Alteza occiozo, porque não he necessario trabalhar.

Entre os Criados, que aqui tem servido a S. A. com cuidado, e acerto he hum delles Balthezar Rabello que sempre o faz nesta forma.

Advirta V. S.^a que ainda que a instrucção que ca veyo dis que o andor da Misericordia ha de estar no chão, que ha de colocar em dous banquinhos forrados de velludo, e mais fortes do que forão os que se puzerão a El Rey, que Deos tem, que me lembra quebraremse; e ferirem a Ruy de Moura em huma perna. Deos guarde a V. S.^a muitos annos. Cintra em 16 de Setembro de 1683.

Sirva se V. S.^a de me fazer logo reposta.

Duque (1)

(1) Trata-se de uma colecção de cópias contemporâneas minuciosamente feita e guardada no arquivo pessoal do Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello. *Cod. Cadaval* 1021 b (K VII 51 b), fl. 200-213.